

A LEITURA DE À LA RECHERCHE DU TEMPS PERDU

figuração e pragmática

THE READING OF A LA RECHERCHE DU TEMPS PERDU BETWEEN REPRESENTATION AND PRAGMATICS

Samira Murad*
Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

É possível imaginar, com alguma abrangência, a percepção do romance proustiano por leitores empíricos exclusivamente a partir da análise da figuração da leitura presente no texto? Parte de uma pesquisa mais extensa sobre a questão da leitura de *A la recherche du temps perdu*, o presente artigo busca compreender o pressuposto das análises que partem exclusivamente da figuração da leitura para explicar o funcionamento pragmático do romance, o que pode ser estudado atentamente em um paradigma desses estudos, o texto “Proust 1 – contre la lecture”, de Antoine Compagnon. Com isso, sublinha-se a necessidade de complementar esse tipo de abordagem com uma investigação da “negatividade” do texto literário, que pode ser imaginada quando pensamos as consequências da forma literária para o processo de leitura.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura, teoria da ficção, Marcel Proust,
A la Recherche du temps perdu

Resta um enigma, a ser colocado e talvez mesmo a ser respondido. Se não há leitura digna desse nome a não ser como escrita, se qualquer outra leitura é passiva e feticista, o que acontece na leitura da Recherche? A Recherche só se destina aos escritores? Ou também aos príncipes e às crianças?¹

Antoine Compagnon

* samira.murad@gmail.com

¹ “Demeure une énigme, à poser sinon à lever. S’il n’y a pas de lecture digne de ce nom qui ne soit écriture, si toute autre lecture est passive et fétichiste, quelle sera la lecture de la Recherche? La Recherche ne se destine-t-elle qu’aux écrivains? Ou aussi aux princes et aux enfants?” Todas as traduções são de minha autoria.

Após interpretar diversos aspectos da figuração da leitura na *Recherche*, é com essa pergunta que Antoine Compagnon sintetiza o problema pragmático da leitura do romance a partir da interpretação de sua figuração. Esse problema seria colocado para todos no momento em que se surpreendem lendo, ao longo da narrativa, cenas de leitura, menções a livros e/ou ao ato de ler, tais como a leitura de *François le champi* em “Combray I” ou a leitura no quarto e no jardim em “Combray II”.

Se a percepção da existência desse tipo de cena pode levar o leitor a questionar o porquê da representação, também parece legítimo indagar se, num texto da complexidade da *Recherche*, podemos tentar imaginar, de forma abrangente, seu funcionamento pragmático exclusivamente a partir da figuração da leitura no texto.

Nos estudos proustianos, além do texto de Compagnon a ser discutido, esse tipo de procedimento foi posto em prática, entre outros, por Paul de Man, Walter Kasell, David Ellison, Pascal Ifri e mais recentemente, por Adam Watt.² Sem poder dar conta, nesta ocasião, das implicações de cada um desses textos para a questão da leitura da *Recherche*,³ este artigo busca refletir sobre a relação entre a figuração da leitura e a leitura empírica do texto tendo como ponto de partida o texto “Proust 1 – contre la lecture”, de Antoine Compagnon. Esse texto foi escolhido não apenas por seus achados sobre a figuração da leitura no romance proustiano, mas também porque pode ser considerado um paradigma para essa abordagem, principalmente quando se leva em conta seu pressuposto teórico. Não se trata, assim, de recusar a interpretação de Compagnon ou de qualquer outro crítico que busque mapear a figuração da leitura no texto proustiano para imaginar sua leitura concreta. Pelo contrário. Com essa discussão, busca-se sublinhar a necessidade de uma complementaridade entre a abordagem da figuração e a abordagem pragmática, o que, idealmente, permitiria uma reflexão mais completa do problema da leitura.

Para isso, num primeiro momento, buscaremos entender como a análise de Compagnon postula a existência de uma contradição entre a figuração da leitura e a leitura empírica do romance. A seguir, discutiremos não apenas o problema da representação ativa e passiva da leitura no texto, mas principalmente os pressupostos teóricos que sustentam a análise da figuração, o que será feito em relação ao debate em torno do funcionamento pragmático da ficção que vem ocorrendo na teoria literária. O artigo termina com a apresentação de um exemplo que visa sublinhar a necessidade de uma complementaridade entre a compreensão da figuração da leitura e dos movimentos de leitura que potencialmente podem ser produzidos em decorrência da forma do texto.

PROUST CONTRA A LEITURA: ANTOINE COMPAGNON E A REPRESENTAÇÃO DA LEITURA NA RECHERCHE

Pelo tom da pergunta que abre este artigo, percebe-se que Antoine Compagnon postula a existência de uma contradição entre a leitura concreta do romance proustiano

² As referências completas encontram-se ao final do artigo.

³ Um levantamento crítico detalhado desse tema e autores encontra-se no capítulo 1 de minha tese de doutorado, intitulada *Sobre a leitura de A la recherche du temps perdu* (2012, inédita).

e a representação da leitura no texto. Para entendermos como o crítico chega a essa conclusão, é fundamental acompanhar as linhas gerais de seu argumento.

Em “Proust 1 – contre la lecture”, o primeiro movimento interpretativo que Compagnon opera reside na afirmação de que a leitura é “um motivo fundamental na *Recherche*, um nó de significações”⁴ em torno do qual organiza-se uma “constelação de ideias” relevantes para o romance.

A primeira dessas ideias seria a “biblioteca”, conceito compreendido não apenas em sua materialidade, mas também como metáfora para a literatura como um todo. Na interpretação de Compagnon, a representação das bibliotecas na *Recherche* seria quase sempre depreciativa: as bibliotecas funcionariam como “uma espécie de lugar de descarte ou cemitério para livros pouco amados e que, sem ela, não sobreviveriam”.⁵

Recusando a biblioteca, as conotações que o romance dá ao livro acabam privilegiando o objeto “raro e querido, possuído e privado”,⁶ isto é, a coleção privada, a “bibliofilia”.

Essa “bibliofilia” – relação com os livros que Compagnon interpreta como uma forma de leitura – apareceria representada pelas personagens de Swann e do duque de Guermantes, colecionador de primeiras edições e livros raros. Pela sua relação com esses personagens, essas figurações seriam negativas, constituindo uma “idolatria” ou um erro de leitura, cuja “versão forte” se revelaria como idolatria “madura ou burguesa”⁷ que, por sua vez, é desdobrada em duas atitudes.

A primeira seria “uma confusão entre a vida e a arte que faz amar, na vida, algo que traz à memória aquilo que amamos na arte”.⁸ Na *Recherche*, essa atitude seria representada por Swann que, entre outras atitudes idólatras, se apaixona por Odette, por quem, de início, não sente atração física porque percebe uma semelhança entre ela e um afresco representando Sêfora, a filha de Jetro, pintado por Botticelli na Capela Sistina.

A segunda atitude idólatra diz respeito ao fetichismo da letra, revelada na citação. Praticada de maneira intensiva por Ruskin em seus escritos, na *Recherche* o fetichismo da letra seria representado, entre outros, pela mãe e avó do narrador que citam, incansável e sistematicamente, os escritos de Madame de Sévigné.

Todos esses erros de leitura – a bibliofilia e a idolatria “madura” em seus dois aspectos – encontrariam, na *Recherche*, outra figura negativa da leitura, a saber, a leitura do “benefício intelectual” que seria representada principalmente pela avó do narrador.

⁴ “La lecture est un motif fondamental de la *Recherche*, un noeud de significations”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 223.

⁵ “sont presque méprisantes. Elle est assimilée à l’oubli, une sorte de décharge ou de cimetière pour les livres désaffectés qui sans elles ne survivraient pas”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 224.

⁶ “le livre rare et chéri, possédé et privé”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 225.

⁷ “La bibliophilie n’est pas le pire des défauts de lecture côtoyés par Proust: enfantine ou noble, elle est pour ainsi dire pure – gracieuse et gratuite. Mais sa forme mûre ou bourgeoise – prétentieuse – est un pôle majeur, négatif, de la lecture proustienne”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 229.

⁸ “confusion de la vie et de l’art, qui fait aimer dans la vie ce qui rappelle ce qu’on a aimé dans une œuvre d’art”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 229.

Essa atitude seria negativa, pois, como no caso do amor à citação, ela se substituiria àquilo que Proust denomina de “vida pessoal da mente”.

Ora, como argumenta Compagnon, o que estaria em jogo na *Recherche* seria justamente o papel que a leitura deve desempenhar na vida do narrador. Seria a leitura apenas perda de tempo ou distração, como parece sugerir sua representação como atividade passiva em determinados momentos do romance ou, ao contrário, uma atividade vital, fundamental para o desenvolvimento da vocação do narrador?

De acordo com Compagnon, uma possível conciliação entre a vida e a leitura apareceria por meio da imagem da “leitura de infância” que “longe de ser o oposto, o inverso, o contrário da vida, é a vida em si porque nos deixa sensíveis a ela, abre nossa perspectiva a ela”.⁹ Essa seria a “boa” leitura descrita na primeira parte do “Sur la lecture” – prefácio para a tradução de *Sesame and lilies*, de John Ruskin, que Proust publica em 1906 – e recuperada nas cenas de leitura de “Combray”.

Porém, essa leitura “viva” não se resumiria às leituras de infância. Haveria, no “Sur la lecture”, duas outras formas positivas de leitura que, para Compagnon, deixariam de ser leitura para transformarem-se em outra atividade, a ela oposta: a escrita.

A primeira dessas formas seria a leitura como “inspiração” ou “incitação”. No “Sur la lecture”, ao invés do valor negativo de passividade representada pela bibliofilia e idolatria, a leitura receberia conotação ativa, funcionando como uma espécie de cura para a preguiça, a apatia e a frivolidade, levando à ação, isto é, à escrita.

A segunda aproximação seria a da leitura como visão. Para Compagnon, haveria na obra de Proust “a intuição de uma boa leitura que é da ordem da visão, ou mais exatamente da *veduta* que coloca em perspectiva, que isola um detalhe, envolvendo-lhe, dando-lhe um contexto sem, no entanto, transformá-lo em fetiche ou citação”.¹⁰

O problema é que todas essas figurações positivas da leitura colocariam uma dificuldade para os leitores empíricos do romance de Proust, pois, tanto as leituras de infância como a leitura como inspiração e visão não seriam “mais leitura [...] [e sim] criação”.¹¹ Por isso, Compagnon afirma que “toda a temática proustiana da leitura tende à escrita. É sempre em relação à escrita que a leitura é julgada ou, mais frequentemente, mal julgada, pois não há leitura verdadeira, leitura viva e ativa a não ser como escrita visionária”.¹²

É nesse contexto que se coloca a pergunta que abre este artigo: “Resta um enigma a ser colocado ou respondido. Se não há leitura digna desse nome a não ser como

⁹ “la lecture, loin d’avoir été l’autre, l’envers, le contraire de la vie, fut la vie même, parce qu’elle rendit sensible à la vie, qu’elle ouvrit à la vie ” (COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 238).

¹⁰ “Il y a, tout au long de l’œuvre de Proust, l’intuition d’une bonne lecture qui soit de l’ordre de la vision, ou plus exactement de la *veduta*, qui met en perspective, qui isole un détail, le cerne et l’encadre, mais sans le fétichiser ni le citer”. (COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 240).

¹¹ “elle n’est plus une lecture [...] la lecture active n’est autre que la création” COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 245.

¹² “toute la thématique proustienne de la lecture tends vers l’écriture. C’est toujours au regard de l’écriture que la lecture est jugée, et le plus souvent méjugée, car il n’y a pas de vraie lecture, de lecture vive et active que comme écriture visionnaire”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 246.

escrita, se qualquer outra leitura é passiva e fetichista, o que acontece na leitura da *Recherche*? A *Recherche* só se destina aos escritores? E também aos príncipes e às crianças?”¹³

Tentando respondê-la, Compagnon afirma que, não recusando de imediato seus leitores, como supostamente teria feito Mallarmé, e mantendo a coerência com a atitude figurada nas leituras do narrador e na concepção de leitura apresentada no *Temps retrouvé*, Proust remeteria os leitores a si mesmos. Sonhando com a forma como seu livro seria lido, o narrador afirma que os leitores “não seriam [seus] leitores, mas leitores de si mesmos”,¹⁴ pois o livro funcionaria como uma espécie de “vidro de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos óticos em Combray”.¹⁵

Para Compagnon, o problema é que, além de eximir o escritor de qualquer responsabilidade como autor, essa atitude também condenaria os leitores à bibliofilia em relação à própria *Recherche*, uma postura de leitura que, como vimos em sua argumentação, teria sido recusada no próprio romance e, portanto, não poderia servir de modelo para a relação do texto com seus leitores empíricos.

Por tudo isso, Compagnon acredita que os leitores da *Recherche* seriam vistos pelo escritor como “inoportunos, e os remetendo a si mesmos, é como se Proust buscasse se desembaraçar deles”.¹⁶ Isso indicaria não apenas a impossibilidade de sobrepor a *Recherche* ao livro do narrador, mas também o momento em que “a escrita encontra a aporia de sua própria leitura, principalmente porque, de saída, se coloca contrária a toda leitura que não é escrita”.¹⁷ Essa contradição entre a figuração da leitura e a dimensão pragmática do romance proustiano leva Compagnon a terminar seu texto reafirmando a substituição da leitura pela escrita e, conseqüentemente, a desvalorização da primeira por parte de Proust: “não há outra saída para a leitura a não ser como escrita, isto é, seu esquecimento. E isso é tudo”.¹⁸

PROUST CONTRA A LEITURA? PELA COMPLEMENTARIDADE ENTRE A FIGURAÇÃO DA LEITURA E O FUNCIONAMENTO PRAGMÁTICO POTENCIAL DO TEXTO.

Mas, será que há mesmo esse esquecimento da leitura na *Recherche*? Será que o esforço proustiano em transformar a leitura num dos temas centrais do romance, num “motivo fundamental, num nó de significações”, como defende Compagnon, estaria

¹³ “S’il n’y a pas de lecture digne de ce nom qui ne soit écriture, si toute autre lecture est passive et fétichiste, quelle sera la lecture de la *Recherche*? La *Recherche* ne se destine-t-elle qu’aux écrivains? Ou aussi aux princes et aux enfants?”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 249.

¹⁴ PROUST. *O tempo redescoberto*, p. 280.

¹⁵ PROUST. *O tempo redescoberto*, p. 280.

¹⁶ “Les lecteurs font plutôt figure d’importuns, et les renvoyant à eux-mêmes, c’est comme si Proust cherchait à se débarrasser d’eux”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 250.

¹⁷ “comme si l’écriture rencontrait l’aporie de sa propre lecture, d’autant qu’elle a en principe pris parti contre toute lecture sinon l’écriture”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 251.

¹⁸ “C’est que vraiment il n’y a pas d’autre issue à la lecture que l’écriture, soit l’oubli de la lecture. Et c’est tout”. COMPAGNON. Proust 1 – Contre la lecture, p. 252.

assentado na desvalorização da leitura, no abandono dos leitores, relegados a um papel sem qualquer importância a não ser que se tornassem escritores!¹⁹ Não seria o destaque do tema no texto justamente um indicativo da importância da experiência de leitura da própria *Recherche* como livro? Reside aí a relevância de refletirmos um pouco mais detidamente sobre a questão.

Para isso, como dissemos, parece ser relevante analisar não apenas o percurso argumentativo de uma interpretação, isto é, aquilo que tem sido tradicionalmente chamado de “conteúdo”, mas também o pressuposto teórico que a sustenta.

No caso de Compagnon, vimos que seu procedimento depende, num primeiro momento, da percepção de lugares ou atitudes relacionados à leitura, tais como a “biblioteca” e a “bibliofilia”. Num segundo momento, esses lugares ou atitudes seriam vistos como figurações de um referente externo que funcionaria como chave da interpretação. Para Compagnon, tal referente externo seria a estética de Proust, tomada como um objeto do mundo e, portanto, de natureza diversa da ficção que se quer interpretar.

É fato que, por um lado, essa busca do referente na estética do escritor não é desprovida de sentido porque, como indicam os estudos que observam seu processo de criação, grande parte do material que compõe a *Recherche* foi reciclado/deslocado de outros textos – críticos e ficcionais – de Proust. Um dos exemplos mais conhecidos desse deslocamento é a retomada, na *Recherche*, da crítica à Sainte-Beuve. Formando o núcleo temático principal do ensaio (que, ao longo da escrita, transforma-se no romance), a crítica à Sainte-Beuve desloca-se e aparece figurada no romance (entre outros) no discurso sobre a arte de Madame de Villeparisis.

Além disso, longe de ser apenas uma curiosidade em relação à escrita da *Recherche*, esse procedimento de reciclagem de outros materiais para a ficção estaria na base da questão das “leis gerais” do romance. A pista é lançada pelo próprio escritor que, em uma carta a Jacques Rivière, exclama: “Enfim, encontro um leitor que adivinha que meu livro é uma obra dogmática e uma construção!”²⁰ Interpretando essa colocação, Luc Fraisse entende que a obra dogmática é aquela que, encarnando “o abstrato no concreto” permitiria ao “espírito aceder a uma verdade” que é intersubjetiva porque geral.²¹

Essa busca proustiana pela generalidade seria antiga, desdobrando-se em vários textos do escritor e funcionando como uma de suas características mais marcante. Como explica Jean-Yves Tadié:

Os *prazeres e os dias* são obra, em grande medida, de um La Bruyère, de um La Rochefoucauld fim de século. *Jean Santeuil* contém muito mais “abstrações” e “sentenças sobre o amor” que a *Recherche*: por exemplo, o capítulo “De l’amour” que dialoga com o livro de Stendhal. *Contre Sainte-Beuve* é em princípio concebido como um ensaio e o estilo abstrato é aí bem mais cerrado e mais próximo do *Temps retrouvé* que seu estilo

¹⁹ Este seria, aliás, o “efeito” último da *Recherche* na argumentação de Pascal Ifri.

²⁰ “enfin je trouve un lecteur qui devine que mon livre est un ouvrage dogmatique et une construction!”. PROUST. *Correspondance*, v. XIII, p. 98.

²¹ FRAISSE. *L'esthétique de Marcel Proust*, p. 98-99.

psicológico e poético. Diversos textos doutrinários do final da *Recherche* são aí encontrados: a busca da essência e do geral, o eu do artista e o eu do dia a dia, o aprofundamento das impressões, a recusa das etiquetas (“arte moral”, “arte popular”, etc.), temas que encontramos, por um lado, nesses outros ensaios: os prefácios de *La Bible d’amiens* e de *Sésame et les lys*. Longe da tendência à abstração ter sido desenvolvida na *Recherche*, como queria Feuillerat, após a composição de *Swann*, ela já se manifesta na origem da carreira de Proust, como um dos traços fundamentais de sua mente.²²

Por isso, mesmo quando não estamos tratando de colocações puramente abstratas, isto é, das máximas ou generalizações que são frequentemente encontradas no texto, a interpretação de elementos da *Recherche* a partir de outros escritos de Proust que tratam do mesmo tema pode realmente iluminar o sistema de valores e de imagens altamente complexo que aparece no romance.

No caso do tema da leitura, isso acaba sendo particularmente produtivo, pois, como nos mostra a análise de Compagnon, esse movimento permite traçar todo um sistema hierárquico de valores em torno das diferentes representações da leitura, complementando o sistema que emerge em torno das atitudes dos personagens e do narrador em relação às artes. Por isso, mais robustamente que a maioria das outras interpretações da figuração da leitura, Compagnon traça, de forma fina e precisa, as atitudes de Swann, do príncipe de Guermantes, da avó e da mãe do narrador que dariam concretude aos diferentes erros de leitura/experimentação da arte: idolatria, bibliofilia, a leitura do benefício intelectual. Esses erros, por sua vez, são contrastados com a perspectiva do narrador, produzindo uma hierarquia de representações, cujo efeito é, como mostrou o crítico, sublinhar as atitudes positivas de leitura: as leituras de infância, a leitura como incitação e como visão.

Entretanto, uma dificuldade parece surgir quando, associando essas imagens à escrita e extrapolando, de maneira direta, sem qualquer mediação, as representações positivas da leitura para a leitura concreta do romance, percebe-se uma contradição entre a atividade empírica (entendida como passiva, por não ser escrita) e o que está representado no texto (a leitura como atividade, como ação).

Como essa contradição depende da oposição entre leitura (passiva) e escrita (ativa), vale a pena retomar parte da interpretação, principalmente o que diz respeito ao ensaio “Sur la lecture” de Proust.

Tal qual George Painter, biógrafo inglês de Proust que entende o “Sur la lecture” como uma advertência aos leitores dos “perigos” da leitura, o que faz com que ele seja,

²² “*Les plaisirs et les Jours* sont l’œuvre, pour une grande part, d’un La Bruyère, d’un La Rochefoucauld fin de siècle. *Jean Santeuil* contient beaucoup plus d’ ‘abstraction’ et de ‘sentences sur l’amour’ que la *Recherche*: tel le chapitre ‘De l’amour’, qui dialogue avec le livre de Stendhal. *Contre Sainte-Beuve* est d’abord conçu comme un essai, et le style abstrait y est beaucoup plus ferme, et plus proche du *Temps retrouvé*, que son style psychologique et poétique. Bien des textes doctrinaux de la fin de la *Recherche* s’y trouvent déjà: sur la recherche de l’essence et du général, le moi de l’artiste et le moi ordinaire, l’approfondissement des impressions, le refus des étiquettes (‘art moral’, ‘art populaire’, etc.), thèmes qu’on trouvait, pour une part, dans ces autres essais: les préfaces à *La Bible d’Amiens*, à *Sésame et les lys*. Loin que, comme le voulait Feuillerat, la tendance à l’abstraction se soit développée dans la *Recherche* après la composition de *Swann*, elle est présente dès l’origine de la carrière de Proust, comme l’un des traits fondamentaux de son esprit”. TADIÉ. *Proust et le roman*, p. 398.

“de fato, um ensaio *contra* a leitura”,²³ Compagnon também parece ver a função do ensaio como sendo contrária à leitura.

Sem realizarmos uma análise minuciosa do “*Sur la lecture*”, que certamente merece outro texto a ele exclusivamente dedicado, podemos pensar que, ao invés de ser *contra* a leitura em sentido amplo, o ensaio é, antes de tudo, uma argumentação *contra* a representação que John Ruskin tinha da leitura. Ruskin, sendo um importante crítico de arte vitoriano, exerceu grande influência no campo da estética e da arte, o que faz com que suspeitemos que essa representação foi possivelmente compartilhada em sua época.

Essa oposição é, aliás, declarada no texto pelo próprio Proust, como nos indica a primeira nota do texto: “Tentei, neste prefácio, refletir, por minha vez, sobre o mesmo assunto que Ruskin tratou em os *Tesouros dos reis*: a utilidade da Leitura [...] essas páginas [...] constituem, entretanto, se quisermos, uma espécie de crítica indireta de sua doutrina. Expondo minhas ideias, percebo, involuntariamente, me opor às suas”.²⁴

Por isso, contrariamente à representação que Ruskin faz da leitura – “uma conversação com homens muito mais sábios e mais interessantes que aqueles que podemos ter a chance de conhecer à nossa volta”²⁵ – Proust propõe que a leitura não poderia ser assimilada à conversação porque ela teria outro tipo de funcionamento:

[...] a diferença essencial entre um livro e um amigo não é sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual a gente se comunica com eles, a leitura, ao contrário da conversação, consistindo para cada um de nós em receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo.²⁶

Assim, talvez fosse possível entender o “*Sur la lecture*” não exatamente como um ensaio *contra* a leitura, mas como uma tentativa de “*intervenção*” no campo literário, com o objetivo de operar uma mudança na representação e no valor da leitura vigentes na época. Essa mudança parece ocorrer justamente na direção de mostrar que a leitura não deveria ser compreendida como algo passivo e sim como atividade ou ação, como indicam, por exemplo, as inúmeras imagens da leitura como atividade mental presentes na primeira parte do ensaio e que são, em sua segunda parte, corroboradas pelos argumentos em relação ao funcionamento ativo da mente e às características da leitura como chave desse funcionamento. Compreendida como uma atividade ou ação mental, a leitura (que é ativa) deixaria, assim, de ter uma natureza oposta à escrita.

²³ “Proust’s intention is to warn against its dangers, and ‘*Sur la lecture*’ is in fact an essay *against* reading”. (PAINTER. *Marcel Proust*, p. 35, grifo do autor).

²⁴ “Je n’ai essayé, dans cette préface, que de réfléchir à mon tour sur le même sujet qu’avait traité Ruskin dans les *Trésors des Rois*: l’utilité de la Lecture. Par là ce quelques pages où il n’est guère question de Ruskin constituant, cependant, si l’on veut, une sorte de critique indirecte de sa doctrine. En exposant mes idées, je me trouve involontairement les opposer d’avance aux siennes”. RUSKIN. *Sésame et les lys*, p. 7.

²⁵ PROUST. *Sobre a leitura*, p. 27.

²⁶ PROUST. *Sobre a leitura*, p. 27.

É aqui que a investigação do funcionamento pragmático do romance vem a calhar, pois pode sublinhar não uma contradição, mas uma harmonia entre a figuração e o tipo de leitura que o texto convida seus leitores a realizar.

Para entendermos como essa harmonia pode se dar, vale refletir sobre o pressuposto teórico que sustenta a análise de Compagnon. Como dissemos, o procedimento padrão desse tipo de análise é a busca de um referente externo que seria a chave da interpretação. Ora, interpretar um texto por meio desse mecanismo supõe a existência de um sentido oculto para o texto a ser desvelado pela crítica. É o que críticos como Wolfgang Iser²⁷ e Susan Sontag²⁸ denominam, respectivamente, de “norma tradicional de interpretação” ou simplesmente de “interpretação”.

É claro que, em se tratando do romance proustiano, tal sentido oculto passa a ser a própria estética do escritor, movimento condizente com a autorreferência da arte moderna e pós-moderna, característica denominada metaficcional ou metalinguística por parte da crítica contemporânea. Mas autorreferência supõe ainda referência e, com ela, como argumenta Iser, o encobrimento de características essenciais do texto literário, principalmente seu funcionamento ficcional que, nas palavras de Luiz Costa Lima, “tem uma dimensão pragmática própria, distinta da pragmática dos outros discursos”²⁹ e que, por isso, vale ser examinada com mais atenção.

Essa pragmática distinta (denominada por Iser de *performance*, a partir de uma analogia com as considerações de Austin sobre os atos de fala) supõe a recusa da dicotomia entre ficção e realidade. Retomando de maneira muito breve o argumento de Iser, recusando-se a oposição entre ficção e realidade, seria necessário pensar o problema da ficção a partir da tríade “real, fictício, imaginário”, de modo a compreendermos a relação entre a ficção e a realidade não como uma relação opositiva, mas como “a preparação de um imaginário”.³⁰

Partindo do pressuposto de que a ficção não se opõe à realidade, mas, ao contrário, é uma forma distinta de ação nessa última, o que se dá por meio da determinação do imaginário, ela operaria pela “transgressão de limites”, em diversos planos.

Em primeiro lugar, haveria “seleção”, isto é, uma repetição, no texto, de aspectos da realidade (entendida por Iser não como o mundo físico dos objetos e seres, mas como o esquema de representações, em todas as suas dimensões, utilizado por determinada sociedade para dar conta desse mundo). Vê-se, com isso, que a questão da *mimesis* (no sentido tradicional de cópia ou imitação³¹), isto é, da transposição de elementos da “realidade” para o texto não é descartada. Mas essa repetição não seria um fim em si, mas um ato que transformaria a “realidade” repetida em signo, provocando a irrealização

²⁷ ISER. *The Act of Reading*, p. 10-11.

²⁸ SONTAG. *Contra a interpretação*, p. 11-49.

²⁹ LIMA. *História. Ficção. Literatura*, p. 283.

³⁰ ISER. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*, p. 13.

³¹ Não entro aqui nas reconsiderações do termo por alguns estudiosos que vão tentar reconsiderar a noção de mimese tal como faz, no Brasil, Luiz Costa Lima que entende que o conceito de mimese não se encerra na semelhança, mas no fato de que a semelhança da mimese existiria para produzir uma diferença.

do real, isto é, sua desvinculação “da estruturação semântica ou sistemática dos sistemas de que foram tomados”.³²

Para que essa irrealização do real seja completa, ela precisa ser acompanhada pelo equivalente intratextual do ato de fingir que é denominado por Iser de “combinação”. Essa transgressão de limites interna ao texto abrangeria “tanto a combinalidade do significado verbal, o mundo introduzido no texto, quanto os esquemas responsáveis pela organização dos personagens e suas ações”.³³

No caso da poesia, a combinação estaria, por exemplo, nas estratégias de rima, que criariam as condições para o leitor atualizar o rompimento das fronteiras do significado lexical. Já na literatura narrativa, como mencionamos, são as visões esquematizadas que sustentam as personagens e ações que podem funcionar como transgressão das fronteiras internas: “os pontos de relevância do campo de referência é ora o fundo, ora a figura, originando-se assim uma rede de relações inexistentes no simples esquema do texto”.³⁴ Isso potencialmente produziria (pois deve ser atualizado pela leitura concreta de um texto) o que Iser denomina de “relacionamentos intratextuais”. Produto do ato de fingir, esse relacionamento é então percebido pelo leitor como um fato (“a fact from fiction”), conferindo ao imaginário uma determinação que não é experimentada sem a leitura, pois são esses procedimentos que dão concretude a uma dimensão do texto que é virtual e que Iser denomina de “negatividade”: o duplo não formulado do que está escrito no texto.³⁵

Ora, se, como coloca Iser, a seleção, isto é, a transposição da realidade presente no texto não é um fim em si, mas signo para a determinação do imaginário que só se concretiza durante a leitura, quando o leitor atualiza os chamados “relacionamentos textuais”, então a análise da figuração da leitura como fonte única para a compreensão da dimensão pragmática da *Recherche* é apenas parte do problema, pois deixa de fora da equação os movimentos de leitura potenciais que podem ser realizados ao longo da atualização do texto.

Assim, para imaginar, de forma abrangente, a leitura concreta de um texto, seria preciso dar conta não apenas da operação de “seleção” ou “irrealização do real”, que se traduz na análise do “conteúdo”, isto é, daquilo que está representado ou figurado no texto, mas também da operação da combinação, que supõe, como vimos, toda uma potencialidade de “relacionamentos intratextuais” ou, mais simplesmente, de movimentos potenciais de leitura desenhados pelo texto, em todas as suas dimensões. Por isso, reforçamos, quando se busca compreender a relação entre a figuração da leitura e o funcionamento pragmático de um texto, parece haver a necessidade de complementar a primeira etapa da investigação com alguns dos movimentos potenciais de leitura que a negatividade do texto propõe.

Para dar concretude a essas colocações mais teóricas e mostrar como a complementaridade entre a análise da figuração e dos movimentos potenciais de leitura

³² ISER. *O fictício e o imaginário*: perspectivas de uma antropologia literária, p. 16.

³³ ISER. *O fictício e o imaginário*: perspectivas de uma antropologia literária, p. 18-19.

³⁴ ISER. *O fictício e o imaginário*: perspectivas de uma antropologia literária, p. 19 -20.

³⁵ ISER. *The Act of Reading*, p. 225-226.

pode ser produtiva, gostaria de dar um único exemplo de um relacionamento intratextual que emerge de aspectos particulares da forma do romance proustiano.

Sabe-se que, inicialmente sentido como um texto sem composição,³⁶ ao longo da publicação dos diversos volumes da *Recherche* os leitores foram percebendo uma unidade velada, dando ímpeto a uma das vertentes de maior destaque na crítica proustiana dos anos 1960-1970 para cá: o estudo da forma.

Essa área de pesquisa buscava descrever as técnicas e estruturas narrativas utilizadas de forma a sublinhar as particularidades do romance. Num dos primeiros estudos sistemáticos sobre as técnicas de Proust, Jean Rousset busca compreender a composição do romance a partir da relação entre os personagens, em especial entre o narrador e Swann, justificando, com isso, a pertinência da intercalação de “Un amour de Swann” nas memórias de infância do narrador em Combray (primeira parte do primeiro volume do romance) e em Paris (terceira parte do primeiro volume): “uma vez acabada a leitura da *Recherche*, percebemos que não se trata de um episódio isolável; sem ele, o conjunto seria ininteligível [...] pois o personagem de Swann tem estreitas relações com o herói, sendo, ao mesmo tempo, seu pai espiritual e seu irmão mais velho”.³⁷

Em *Proust et le roman* (1971), Jean-Yves Tadié faz uma descrição bastante completa da arquitetura do romance proustiano, em particular das relações de semelhança que aproximam os personagens. Swann e o narrador, por exemplo, podem ser aproximados porque, de um lado, na história da escrita do romance, formavam um único personagem,³⁸ e de outro, porque Swann tem um papel fundamental na vida do narrador. Tendo os mesmos gostos e frequentando o mesmo meio do narrador, Swann acaba sendo o responsável por introduzir o primeiro na pintura italiana, apresentar-lhe Bergotte e despertar-lhe o desejo de saber mais sobre Elstir e Vinteuil, isso sem mencionar que, emocionalmente, o narrador repete as desventuras amorosas de Swann, com suas angústias de separação e ciúmes.

Mas, as semelhanças entre Swann e o narrador não são as únicas a sustentar a arquitetura do romance. Entre “Un amour de Swann” e “Noms de pays: le nom”, multiplicam-se as relações, não apenas pela evocação dos quartos de Combray e de Balbec e pela aparição de Gilberte no Champs-Élysées, que evoca a cena de Tansonville, mas pela oposição, como defende Tadié entre as localidades (os jardins de Combray e dos Champs-Élysées) e entre as personagens (o Swann de Combray é o oposto do Swann pai de Gilberte).

³⁶ O debate sobre a ausência de composição do texto proustiano surge com os primeiros artigos publicados imediatamente após a publicação de *Du côté de chez Swann*, em novembro de 1913, transformando-se, ao longo do tempo, num dos tópicos centrais não apenas nos estudos da forma, mas também do processo de escrita da *Recherche*. Sobre esses primeiros textos, ver, por exemplo, os trabalhos de Paul Souday, Henry Ghéon e Jacques Rivière que constam da bibliografia deste artigo. Sobre a percepção da composição velada da *Recherche*, ver os artigos de André Gide e Edmond Jaloux.

³⁷ “Une fois achevée la lecture de la *Recherche*, on s’aperçoit qu’il ne s’agit nullement d’un épisode isolable ; sans lui, l’ensemble serait inintelligible (...) [car] le personnage de Swann a des rapports intimes avec le héros, il est à la fois son père spirituel e son frère aîné” (ROUSSET, *Forme et signification*, p. 146).

³⁸ TADIÉ. *Proust et le roman*, p. 219.

Esse jogo de semelhanças e oposições ocorre também entre os próprios volumes da *Recherche*. Um exemplo disso está na relação de *Du côté de chez Swann* com *A l'ombre des jeunes filles en fleurs*. Como argumenta Tadié, o sentido desse último volume adquire outra dimensão quando é relacionado com o primeiro: “Não é por acaso que a rememoração do quarto de Combray evoca o de Balbec”,³⁹ os dois capítulos que compõem o volume das “raparigas em flor” podem ser vistos como derivados do último capítulo de *Du côté de chez Swann* não apenas pela correspondência estrutural marcada pelos títulos, entre outros paralelos, mas também porque “a evolução do amor por Gilberte liga diretamente “Autour de Mme Swann” à “Un amour de Swann”.⁴⁰ Assim, a composição da *Recherche* parece estar assegurada pelo que Tadié denomina o “gigantesco sistema de ecos, de reflexos e de evocações construído por Proust”.⁴¹

Ora, se partirmos dessa descrição da forma para extrapolarmos, de maneira mais sistemática, suas consequências para o processo de leitura do romance, percebemos que “o gigantesco sistema de ecos, de reflexos e evocações” de que trata Tadié não é apenas assumido como tal no texto, mas, mais propriamente, faz parte de sua negatividade, ganhando concretude em muitos momentos apenas quando atualizado na leitura. Dito de outro modo, algumas das relações que a crítica proustiana vê como parte da arquitetura da obra são claramente indicadas pela letra do texto enquanto outras são potenciais, devendo ser realizadas durante a leitura.

No primeiro caso, um exemplo está justamente na relação de Swann com o narrador, que é apresentada como justificativa para a narrativa do amor de Swann:

Aliás, não era apenas a brilhante falange de virtuosas matronas, de generais, de acadêmicos, com os quais estava particularmente ligado, que Swann obrigava com tanto cinismo a lhe servir de medianeiros. Todos os seus amigos costumavam receber de quando em quando uma carta sua, pedindo uma recomendação ou apresentação [...] Muitos anos depois, quando comecei a interessar-me por seu caráter, *devido a semelhanças que sob outros aspectos oferecia com o meu*, gostava de ouvir contar que quando ele escrevia a meu avô (que ainda não o era, pois foi pela época de meu nascimento que começou o grande caso amoroso de Swann, interrompendo por algum tempo essas práticas), este, ao ver no envelope a letra do amigo, exclamava: “Alerta! aí vem Swann com algum pedido...”.⁴²

Outras relações, como dissemos, não são assumidas tão claramente pelo narrador, ficando o convite para que os leitores as realizem. Um exemplo disso está no episódio de Hudimesnil, lugar que o narrador visita de carro com Madame de Villeparisis durante sua estada em Balbec em “Nom de pays: le pays”.

Nesse episódio, avistando um grupo de três árvores, o narrador nos conta que sente uma felicidade análoga àquela experimentada durante os eventos de memória

³⁹ “ce n’est pas par hasard si le souvenir de la chambre de Combray évoque celui de la chambre de Balbec, si celle-ci rappelle à son tour celle-là ; les deux récit ont la même origine” (TADIÉ. *Proust et le roman*, p. 259).

⁴⁰ Mais l’évolution de l’amour pour Gilberte rattache directement “autour de Mme Swann” à “Un amour de Swann” (TADIÉ. *Proust et le roman*, p. 260).

⁴¹ “gigantesque système d’échos, de reflets, de rappels construit par Proust”. TADIÉ. *Proust et le roman*, p. 254.

⁴² PROUST. *No caminho de Swann*, p. 192, grifo meu.

involuntária em Combray, mas, entretanto, sem traçar concretamente a correspondência com qualquer um desses episódios. Com a indeterminação dessa relação, os leitores são convidados a buscar um episódio correspondente; relação que é auxiliada pela descrição do desenho particular das três árvores que “deviam servir de pórtico a uma alameda ensombrada”⁴³ e que pode lembrar o leitor, por exemplo, do episódio dos campanários de Martinville, no qual a felicidade sentida pelo narrador também é decorrente da observação das torres num carro em movimento.

Uma vez iniciado, esse movimento potencial de leitura pode ser executado inúmeras vezes, estando na base de muitas das inovações críticas nos estudos proustianos. Como exemplo, vale mencionar a reflexão de Inge Crossman Wimmers sobre o papel da emoção no romance, no qual defende que a introdução do tema da angústia é realizada logo nas primeiras páginas do romance, com as histórias compactas do viajante e do enfermo que aparecem na abertura.⁴⁴ Essas duas pequenas histórias, potencialmente percebidas como digressões para os leitores que buscam saber mais sobre a experiência passada do herói, funcionariam, na verdade, em retrospecto:

[...] de forma poética, ajustando o leitor a um tom que logo irá dominar a narrativa. Nessa releitura interpretativa, vejo cada cenário como um motivo proléptico, semelhante aos motivos costurados no prelúdio de uma ópera wagneriana. Como numa composição musical, a abertura do romance não apenas introduz os temas principais a serem retomados mais à frente, mas também coloca em cena humores e emoções. Assim, as cenas dramáticas do viajante e do enfermo têm a função conjunta de introduzir o motivo da ansiedade que será plenamente desenvolvido nas crises de angústia de separação do herói e de Swann.⁴⁵

⁴³ PROUST. *À sombra das raparigas em flor*, p. 259.

⁴⁴ “Indagava comigo que horas seriam; ouvia o silvo dos trens que, ora mais, ora menos afastado, e marcando as distâncias como o canto de um pássaro em uma floresta, descrevia-me a extensão do campo deserto, onde o viajante se apressa em direção à parada próxima: o caminho que ele segue vai lhe ficar gravado na lembrança com a excitação produzida pelos lugares novos, os atos inabituais, pela recente conversa e as despedidas trocadas à luz de lâmpada estranha que ainda o acompanham no silêncio da noite, e pela doçura próxima do regresso. Apoiava brandamente minhas faces contra as belas faces do travesseiro que, cheias e frescas, são como as faces de nossa infância. Riscava um fósforo para olhar o relógio. Em breve seria meia-noite. É o instante em que o enfermo obrigado a partir e que teve de pousar em um hotel desconhecido, desperto por uma crise, alegra-se ao perceber debaixo da porta uma raia de luz. Que ventura! já é dia! Dentro em pouco os criados se levantarão, poderá chamar, virão prestar-lhe socorro. A esperança de ser aliviado lhe dá ânimo para sofrer. Agora mesmo julgou ouvir passos; os passos se aproximam, depois se afastam. E a raia de luz que estava sob a porta desapareceu. É meia-noite; acabam de apagar o gás; o último criado partiu, e será preciso ficar toda a noite a sofrer sem remédio” (PROUST. *No caminho de Swann*, p. 9-10).

⁴⁵ “Though it may seem like a digression at first to readers intent on finding out more about the hero’s past experience, in retrospect it functions turns out to be poetic, attuning the reader to a mood that will soon be predominant in the pages to come. In such an interpretative rereading of the novel, I see each scenario as a proleptic motif, not unlike the motifs woven into the prelude of a Wagnerian opera. As in a musical composition, this overture to the novel does not merely introduce the main themes to be taken up later, it also sets the stage for moods and emotions. Thus, the dramatic scenes of the lonely night traveler and the sick person alone in a hotel room have the joint function of introducing the anxiety motif, to be fully developed later on, in the hero’s and in Swann’s crises of separation anxiety”. (CROSMAN WIMMERS. *Proust and emotion: the importance of affect in A la Recherche du temps perdu*, p. 22).

Percebe-se aqui, então, como a complementaridade entre o estudo da figuração e dos movimentos potenciais de leitura pode ser produtiva: se o romance convida o leitor a realizar determinadas ações mentais, para além do processamento cognitivo usual de um texto, isso significa que a leitura do romance proustiano é especialmente ativa, não parecendo haver contradição entre a figuração e a leitura potencial do texto. E é assim, no convite à leitura de suas entrelinhas que o texto apresenta, em toda sua força, uma visão particular, proustiana, da leitura.



ABSTRACT

Is it possible to describe, with some degree of accuracy, what potentially happens in the reading of *A la Recherche du temps perdu*, when we elect, as the only tool for the description, the representation of reading in the text? Functioning as an introduction to the problem of the reading of *A la Recherche*, this article tries to deal with the question through the examination of Antoine Compagnon's critical procedure in "Proust 1 - contre la lecture". This text was chosen because it gives us not only a thorough interpretation of the figuration of reading in the text, but also functions as a paradigm for the sort of analysis that hypothesizes about the reading of *A la recherche* exclusively through the interpretation of its figuration in the novel. In this article, we try to indicate the need to complement this type of interpretation with the investigation of a literary text's "negativity", which can be imagined when we think about the consequences of the artistic form for the reading process.

KEYWORDS

Reading, reader-response criticism, theory of fiction,
Marcel Proust, *A la recherche du temps perdu*

REFERÊNCIAS

- COMPAGNON, Antoine. Proust 1 – Contre la lecture. In: _____. *La troisième république des lettres: de Flaubert à Proust*. Paris: Editions du Seuil, 1983. p. 221-252.
- COMPAGNON, Antoine. Proust 1 – contre la lecture. In: _____. *La troisième république des lettres: de Flaubert à Proust*. Paris: Editions du Seuil, 1983.
- CROSSMAN WIMMERS, Inge. *Proust and Emotion: The Importance of Affect in A la Recherche du Temps Perdu*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.
- DE MAN, Paul. *Allegories of Reading*. New Haven: Yale University Press, 1979.
- ELLISON, David. *The Reading of Proust*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1984.
- FRAISSE, Luc. *L'esthétique de Marcel Proust*. Paris: Sedes, 1995.
- GHÉON, Henry. Une œuvre de loisir. In: BERSANI, Jacques (Org.). *Les critiques de notre temps et Proust*. Paris: Garnier, 1971.

- GIDE, André. A propos de Marcel Proust. In: TADIÉ, Jean-Yves. *Lectures de Proust*. Paris: Gallimard, 1971. p. 30-35.
- IFRI, Pascal. *Proust et son narrataire dans A la Recherche du temps perdu*. Genève: Droz, 1983.
- ISER, Wolfgang. *The Act of Reading*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1984.
- ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EdUERj, 1996.
- JALOUX, Edmond. *Avec Marcel Proust*. Paris-Genève: La Palatine, 1953.
- KASELL, Walter. *Marcel Proust and the Strategy of Reading*. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1980.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PAINTER, George. *Marcel Proust*. London: Penguin, 1990.
- PROUST, Marcel. Sur la lecture. In: RUSKIN, John. *Sésame et les lys*. Paris: Mercure de France, 1906. p. 7-58.
- PROUST, Marcel. *Correspondance*. Paris: Plon, 1985. v. XIII.
- PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1987. 4 v.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 1993.
- PROUST, Marcel. *À sombra das raparigas em flor*. São Paulo: Globo, 1992.
- PROUST, Marcel. *O caminho de Guermantes*. São Paulo: Globo, 1990.
- PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. São Paulo: Globo, 1990.
- PROUST, Marcel. *A prisioneira*. São Paulo: Globo, 1994.
- PROUST, Marcel. *A fugitiva*. São Paulo: Globo, 1995.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. São Paulo: Globo, 1995.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. São Paulo: Pontes, 2003.
- RIVIÈRE, Jacques. Quelques progrès dans l'étude du cœur humain. Paris: Gallimard, 1985. (Cahiers Marcel Proust, 13)
- ROUSSET, Jean. *Forme et signification*. Paris: José Corti, 1969.
- RUSKIN, John. *Sésame et les Lys*. Paris: Mercure de France, 1906.
- SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&M, 1987.
- SOUDAY, Paul. *Marcel Proust*. Paris: Simon Kra, 1927.
- TADIÉ, Jean-Yves. *Proust et le roman*. Paris: Gallimard, 1971.
- WATT, Adam. *Reading in Proust's A la recherche: le délire de la lecture*. New York: Oxford University Press, 2009.

Recebido em 19 de fevereiro de 2014

Aprovado em 7 de agosto de 2014